

localizadas nas TIs Munduruku e Sai-Cinza.

III - ATIVIDADES PRODUTIVAS:

A subsistência do povo Munduruku baseia-se nas atividades tradicionais de agricultura, caça, pesca e coleta, desenvolvidas a partir de um conhecimento ecológico refinado, associado a técnicas e saberes sobre o ambiente transmitido de geração a geração, no horizonte de uma concepção de mundo específica. Estas atividades são pautadas pelo regime das águas e desenvolvidas em estreita correlação com o calendário ecológico do ambiente amazônico. A cheia e a vazante do Tapajós e de seus afluentes, os períodos de chuvas e estiagens e os hábitos fenológicos da fauna e da ictiofauna que acompanham estes movimentos contribuem para conferir à vida cotidiana da aldeia um ritmo cíclico e regular, dividido em duas grandes unidades de tempo: o *inverno* (época das chuvas, que vai de outubro a março), período de dispersão e escassez, e o *verão* (época em que chove menos, que vai de abril a setembro), caracterizado pela concentração e abundância. A caça é mais praticada no período das chuvas, e as espécies mais procuradas pelos Munduruku são porco do mato, anta e veado, mas caçam também mutum e tatu. As técnicas utilizadas para caçar variam de acordo com o horário em que ocorrem, a estação do ano e os próprios hábitos alimentares da espécie que se deseja caçar. Os locais mais frequentados para caça são as matas no fundo das aldeias e as margens dos igarapés São Raimundo e Lajinha, as localidades denominadas Carro Velho, Castelo, Domingos e o Castanhal. A atividade pesqueira ocorre o ano inteiro, porém com maior intensidade durante o verão. Para a pescaria é empregada uma variedade de técnicas e instrumentos, os quais são escolhidos segundo a época do ano e a espécie que se deseja capturar. Muitas frutas são coletadas da floresta, como buriti, bacaba, ingá, alguns tipos de banana, cucura, pupunha, uxi, pequiá, cumaru, açaí e outras. A atividade de coleta fornece alimentos importantes do ponto de vista nutricional e provê a matéria-prima básica para a construção das casas e artefatos em geral. Frutas e sementes, além do importante papel na alimentação, são também fonte de renda. Dentre os recursos vegetais mais utilizados pelos Munduruku tem-se a castanha, o açaí, os óleos essenciais de copaíba e de andiroba (utilizados também como remédio e combustível para fogo). Esses óleos são comercializados na feira da cidade alta, em Itaituba. As resinas também são bastante empregadas na região. O breu-de-mesca e o breu-de-jutaí são amplamente usados como verniz, incenso e remédio. As seivas são utilizadas também para fins medicinais, como é o caso da seiva de amapá, utilizada no tratamento de doenças pulmonares, como cicatrizante e fortificante. As madeiras, palhas, cipós e enviras são outro recurso florestal bastante importante para a produção de artefatos e na construção das casas. Os esteios e caibros das casas são feitos geralmente com Itaúba, Jarana e Cedroarana. A madeira é obtida na floresta da área nos fundos da aldeia, área que vem sendo degradada por não-índios, tendo em vista sua proximidade dos ramais que dão acesso à vila Caracol e à BR-163. O transporte de muitos produtos (frutas, peixes, caça etc.) é feito em paneiros, confeccionados com cipós, enviras ou palhas. A técnica empregada no plantio é a agricultura de coivara com rotação de culturas, que se caracteriza pela derrubada de uma área de mata nativa ou de capoeira alta e sua posterior queima, de modo que as cinzas resultantes forneçam nutrientes ao solo. O principal produto da roça e principal fonte de carboidratos para o grupo é a mandioca brava, mas diversos outros cultivares são plantados pelos Munduruku de Sawré Muybu, dentre eles: cará, cana, banana, abacaxi, milho e macaxeira. A roça é plantada um pouco antes do fim do verão (setembro/outubro), de modo que as manivas recebam as primeiras chuvas de outubro. Outra atividade relacionada à agricultura é o plantio e a manutenção de pomares e pequenas hortas nos arredores e quintais das casas. Apesar de serem plantadas e mantidas por particulares, algumas frutíferas são de uso coletivo. As hortas são destinadas ao plantio de ervas aromáticas e medicinais, tais como chicória, erva-doce e cidreira. Embora tenham autossuficiência do ponto de vista alimentar, os Munduruku estabelecem relações com não-índigenas visando a compra de utensílios domésticos e combustíveis. A renda na aldeia é proveniente principalmente do salário de professores, agentes de saúde, bolsa-família e aposentadoria rural.

IV - MEIO AMBIENTE:

A terra indígena delimitada localiza-se na calha do Tapajós, rio que apresenta forma alongada na direção norte-sul, tendo como seus principais formadores os rios Juruena e Teles Pires (ou São

Manuel) e sua foz no rio Amazonas, a montante da cidade de Santarém. Estende-se desde a margem direita do rio Tapajós até a porção final do rio Jamanxim, que deságua no Tapajós, e está localizada numa região que apresenta traços muito característicos de zonas de fronteira de expansão de povoamento e de agropecuária. A TI Sawré Muybu sobrepõe-se integralmente à Flona Itaituba II, que se localiza a menos de 10 km da BR-163, e portanto sofre constantemente a ação de madeiros provenientes do município de Trairão, cujos ramais passam a menos de 5 km da aldeia Sawré Muybu. Da mesma forma, o Parna da Amazônia, situado na outra margem do Tapajós, é cortado pela BR-230 e é através dele - pelo porto Buburé - que são abastecidas as mais de 100 balsas que garimpam, diariamente, as calhas dos rios Jamanxim e Tapajós. Na região Norte, o clima é caracterizado por dois períodos distintos, um chuvoso e outro seco, com homogeneidade na distribuição da temperatura. O estado do Pará, inserido nesse contexto, possui clima equatorial quente e úmido, com ventos constantes e abundante pluviosidade. A temperatura é elevada durante quase o ano todo, com médias anuais em torno de 25,6°C e valores médios para as mínimas em torno de 22,5°C. Todo o sistema de produção, coleta, caça e pesca dos indígenas está associado a padrões climáticos cíclicos que contribuem para imprimir um ritmo regular ao modo de vida das comunidades. A TI Sawré Muybu sofre a influência direta de duas grandes rodovias federais que cortam a Amazônia nos eixos norte-sul e leste-oeste: a BR-163 e a BR-230 (ou Transamazônica), ligando alguns municípios como Itaituba, Trairão, Novo Progresso, Jacareacanga e Rurópolis. Os efeitos diretos dessa influência são evidenciados pelas altas taxas de desmatamento apresentadas nesses municípios, pela ocupação desordenada e não raro irregular de terras e pela exploração predatória de recursos, como a madeira e o garimpo de ouro e diamante. Os rios Tapajós e Jamanxim são centrais na vida dos Munduruku. O Tapajós é um importante sítio de pesca e serve como via de acesso a diversos locais de coleta de produtos florestais como a castanha, a bacaba, o buriti e a copaiba. É também a principal ligação da comunidade de Sawé Muybu à cidade de Itaituba, aonde os Munduruku vão em busca de benefícios sociais, acesso ao sistema de saúde, aposentadoria e bens de consumo. O Jamanxim é igualmente importante. Por ele, se dá o acesso a importantes locais de caça, pesca e coleta. Na área, são formados alguns igarapés de pequeno porte, porém de grande relevância do ponto de vista da garantia do equilíbrio ecológico da região e do provimento de recursos importantes para os Munduruku: o igarapé São Gonçalo, situado a nordeste da terra indígena; o igarapé Lajinha, à margem esquerda do Jamanxim; o igarapé São João, a oeste do igarapé Lajinha; o igarapé Chapéu de Sol; os igarapés dos Fechos e Duelo, na região central da terra indígena; e os igarapés São João e Barreiro (ou Prainha), que delimitam a parte sul da terra indígena. Os solos da macrorregião onde está inserida a terra indígena classificam-se como solos de várzea e solos de terra firme. No local onde está situada a aldeia, o solo predominante é o Argissolo Vermelho-Amarelo - acima dele, existe um bolsão de terra escura, ao qual os índios se referem como "terra preta" ou *Katò*. De acordo com os Munduruku, trata-se de uma terra muito fértil onde pode ser cultivada tanto a mandioca, quanto frutíferas e grãos. A presença desse solo é um dos critérios de escolha para a abertura de novas aldeias. Neste bolsão de terra preta, encontramos grande concentração de artefatos líticos e cerâmicos, o que indica que a área consiste em uma mancha de terra preta, de origem antrópica, resultado da ação de sociedades indígenas amazônicas no passado. Os igarapés são o ambiente predileto dos Munduruku para a pesca e, junto com os açaiçais, são ecossistemas que contribuem com o sucesso na captura de boa parte dos peixes consumidos pelos Munduruku. Fazem parte da terra indígena as seguintes ilhas: Ilha do Mergulhão, Ilha das Cobras, Ilha da Boca do Rio, Ilha Mambuá, Ilha Chapéu do Sol, Ilha da Montanha, Ilha do Jatobá e as ilhas sem denominação compreendidas entre os pontos P-01 ao P-22 do mapa e memorial descritivo em anexo, situadas no rio Tapajós. No rio Jamanxim, fazem parte da terra indígena as ilhas situadas entre os pontos P-14 ao P-15 (Ilha da Rodela, Ilha da Boa Esperança e demais ilhas sem denominação). Quanto às pressões e impactos antrópicos, durante a pesquisa de campo, observou-se a presença massiva da atividade garimpeira nos rios Tapajós e Jamanxim, totalizando aproximadamente 100 balsas em atividade no interior dos limites da TI. O município de Itaituba foi, na década de 1980, o maior produtor de ouro do mundo. Atualmente, segundo dados do DNPM, no trecho

do rio Tapajós que banha a TI Sawré Muybu, existe Permissão de Lavra Garimpeira, publicada em 02/07/2013, em favor da Associação de Garimpeiros da Amazônia. Ao todo, são 94 processos protocolados no DNPM que incidem sobre a proposta de limite apresentada. Um estudo realizado recentemente, na região de Itaituba, mostrou que 65% das amostras de peixes consumidos por seres humanos apresentavam contaminação por mercúrio, com índices até 40 vezes superiores ao recomendado pela OMS. Metade das pessoas analisadas continham mercúrio no corpo, em valores superiores aos limites estabelecidos, o que indica os níveis alarmantes de contaminação por mercúrio na região em que está localizada a terra indígena. Além do impacto no organismo dos seres humanos, o garimpo turva as águas, causa o assoreamento dos rios e intensifica o desmatamento nas explorações em terra firme. Outro motivo de preocupação para os Munduruku são as Usinas Hidrelétricas de São Luiz do Tapajós e Jatobá, no rio Tapajós, que, caso sejam instaladas, podem impactar significativamente a área da terra indígena. Em empreendimentos desse porte, são esperadas mudanças limnológicas e paisagísticas, no comportamento dos rios (Tapajós e Jamanxim) e de seus afluentes, na ictiofauna, na entomofauna e na vegetação, além dos problemas sociais, econômicos e de infraestrutura gerados em função da implantação do canteiro de obras.

V - REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL:

A "comunidade" Munduruku consiste no conjunto de famílias extensas ligadas por laços de parentesco, compadrio, políticos e econômicos, que ocupam e utilizam uma mesma porção territorial e reconhecem a autoridade política do cacique. A opção dos Munduruku pelo modo de vida comunitário condensa o modo específico como esse povo concebe a história e a sociedade e explicita a decisão coletiva de se apresentar como entidade socialmente diferenciada dentro da comunhão nacional, com autonomia para deliberar sobre sua composição. A reciprocidade é o valor central da comunidade, que impõe a todos a obrigatoriedade de dar, receber e retribuir. É nos moldes de um padrão moral e ético específico que estrutura a visão de mundo e a organização social contemporânea que é formada a pessoa Munduruku. Os meninos são educados para serem bons pescadores, caçadores, agricultores e, mais recentemente, para serem professores e agentes de saúde. As meninas são educadas para cuidarem bem da casa e das crianças, serem boas agricultoras e cozinheiras; algumas também trabalham como professoras ou agentes de saúde. As tarefas domésticas, em geral, são desempenhadas exclusivamente pelas mulheres. A vida social Munduruku se fundamenta nos processos articulados de produção, circulação e consumo de alimentos, que se coadunam nas refeições domésticas cotidianas e nas refeições coletivas. Pessoas que, ao longo dos anos, participam ativa e reiteradamente de tais processos se tornam semelhantes e se concebem como parentes verdadeiros. De acordo com os dados obtidos no Censo Populacional de 2012 do DSEI do Rio Tapajós, há 545 pessoas vivendo nas aldeias Munduruku do médio Tapajós, mas esse valor não inclui os Munduruku residentes na cidade de Itaituba. A população total da TI Sawré Muybu (Aldeia Nova e Aldeia Velha) é de 132 pessoas (2013). Existe um modesto posto de saúde na aldeia, onde a técnica em enfermagem e o Agente Indígena de Endemias fazem os atendimentos. O principal problema de saúde na aldeia é a malária, que tem maior incidência na época das chuvas. É comum, também, a ocorrência de diarreia, gripe, febre e hepatite. A organização social Munduruku baseia-se na existência de aproximadamente 38 clãs, divididos em duas metades exogâmicas, que orientam as regras de casamento: *ipapacat* (vermelha) e *iriritat* (branca). O tipo de descendência é patrilinear e a regra de moradia é matrilocal, condicionando o rapaz recém-casado, na maioria das vezes, a residir junto à família da esposa por um período de aproximadamente dois anos, devendo prestar colaboração em todas as atividades relacionadas à manutenção da casa. Os Munduruku tornaram-se conhecidos e temidos por seu costume de cortar as cabeças dos inimigos mortos, retirar-lhes o cérebro, os olhos e a língua e, em seguida, mergulhar as cabeças em azeite de andiroba e fazê-las secar. A importância dessa prática residia no poder mágico atribuído às substâncias vitais contidas no corpo do inimigo, capaz de agradar a "Mãe da Caça", entidade sobrenatural que até hoje é considerada responsável pelo fornecimento de caça aos Munduruku. As guerras se inseriam na lógica da reciprocidade da vingança e da obtenção de guerreiros inimigos típica dos tupis históricos, sendo um importante dispositivo de conquista e ocupação de territórios. Para os Munduruku, as doenças e as